Dia 29 — São Francisco de Sales, Bispo e Confessor

São Francisco de Sales, ilustríssimo por seu nascimento, como filho de uma das mais nobres e mais antigas casas de Saboia, celebérrimo por sua piedade e seu zelo, apóstolo destes últimos tempos, um dos mais belos ornamentos da dignidade episcopal e um dos maiores santos da Igreja, nasceu no castelo de Sales, no ducado de Saboia, no dia 21 de agosto do ano de 1567.

A condessa, sua mãe, que era da ilustre casa de Sionnaz, quis encarregar-se ela mesma do cuidado de sua primeira educação e de formá-lo na virtude desde os primeiros anos. As boas disposições do filho tornaram logo eficazes os piedosos desvelos da mãe. Na infância não gostava de outros entretenimentos senão daquelas devoções sérias que são próprias da idade mais adiantada e madura. A compassiva ternura com que olhava os pobres, numa idade tão pouco sensível às misérias alheias, foi presságio da extraordinária caridade que havia de ter depois. Não se contentava com repartir entre eles quanto lhe davam para seus inocentes jogos, mas, não tendo outra coisa que lhes dar, tirava algo de sua própria comida para socorrê-los.

Os progressos que fez nas ciências corresponderam aos que já havia feito na virtude. Era de engenho vivo, sólido, penetrante, claro e naturalmente culto e desembaraçado; possuía uma eloquência nada comum e era dotado de feliz memória. Estes grandes talentos o fizeram depois um dos mais sábios e mais santos prelados da Igreja.

Enviaram-no seus pais a Paris, ao colégio dos padres da Companhia de Jesus, que o receberam manifestando-lhe aquele bom conceito que se formava dele em qualquer parte onde se apresentasse. Estudou filosofia e teologia, sendo seu mestre o sábio padre Maldonado, e aprendeu as línguas hebraica e grega, ensinando-lhas o famoso Genebrardo.

Mas, embora adiantasse muito em todas essas ciências, adiantava muito mais na importantíssima da salvação. O único descanso que tinha para respirar das tarefas do estudo era entregar-se a exercícios de virtude; tanto que já desde então foi preciso puxar as rédeas de seu fervor.

Considerando os grandes meios que há nas congregações da santíssima Virgem erigidas nos colégios dos padres jesuítas, não só para conservar a inocência, mas para fazer grandes progressos na perfeição, quis entrar numa delas. Por sua piedade foi em breve o primeiro entre aquela juventude edificante; e não é fácil dizer o muito proveito que produziram seus bons exemplos. Comungava cada oito dias; três vezes por semana trazia cilício; e, querendo consagrar-se a Deus mais perfeitamente, fez voto de perpétua castidade diante de uma imagem da santíssima Virgem na igreja de Santo Estêvão.

Não podia sofrer o inimigo comum tanta inocência e tanto fervor num jovem de tão tenra idade e o acometeu com uma tentação que era a mais capaz de transtorná-lo. Sugeriu-lhe com a maior vivacidade que em vão se fatigava, pois era do número dos precitos, e que assim, fizesse o que fizesse, infalivelmente se condenaria. O horror do inferno, o considerar-se no infeliz estado dos réprobos, o espanto e a perturbação que isto lhe causou encheram-no de uma melancolia tão profunda que pouco a pouco o ia consumindo; até que, fixando um dia os olhos num retrato da santíssima Virgem, disse-lhe com extraordinário fervor e ternura: Senhora, se é tanta a minha desdita que devo ser condenado e estar na desgraça de meu Deus depois de minha morte, ao menos quero ter o consolo de amá-lo com todo o meu coração por todos os dias de minha vida. Esta oração, tão devota e tão alheia aos sentimentos que costuma ter uma alma réproba, dissipou as nuvens, confundiu o demônio e restituiu a tranquilidade a seu coração.

Tendo acabado seus estudos em Paris, passou, por ordem de seus pais, à cidade de Pádua, a estudar naquela célebre universidade a jurisprudência, sob o magistério do famoso Pancirola. Escolheu depois por diretor de sua consciência o padre Possevino; e, conhecendo este insigne jesuíta naquele jovem um coração segundo o coração de Deus, aplicou-se com o maior empenho a proporcioná-lo, dispô-lo e habilitá-lo para as grandes empresas a que julgou que Deus tinha destinada aquela alma verdadeiramente grande.

Invejosos os condiscípulos do jovem conde da universal estima que havia adquirido, procuraram tentar sua virtude e armaram à sua pureza um terrível laço. Com certo honrado pretexto que fingiram, levaram-no à casa de uma dama cortesã, que no princípio se fingiu muito virtuosa e devota, e o deixaram sozinho com ela. Lidou algum tempo contra seus artifícios e contra sua desenvoltura, e foi tão violento o combate que por fim não teve outro meio para sair do perigo senão atirar-lhe ao rosto um tição que encontrou à mão e tomar a escada em precipitada fuga. Tornou-o mais circunspecto esta vitória; e, renunciando desde logo às más companhias da gente jovem, redobrou suas penitências.

Ao voltar a Saboia quis visitar a santa casa de Loreto, e naquela celestial capela recebeu tais favores e experimentou sua alma tais consolações, em prêmio da ternísima devoção que professava à santíssima Virgem, que, não sendo fácil imaginá-los, é muito menos referi-los. Renovou nela o voto de perpétua castidade que havia feito em Paris e a resolução que já tinha tomado desde Pádua de abraçar o estado eclesiástico, como o executou logo que chegou a Annecy. Vagou então a dignidade de preboste na igreja catedral, e foi provido nela, apesar de sua humilde repugnância. Ordenado sacerdote, só pensou em desempenhar com o maior fervor as obrigações de sua dignidade e de seu ministério.

Era bispo daquela igreja Cláudio de Granier, que amava ternamente Francisco e já o olhava como seu sucessor. Mandou-lhe que pregasse; e o fez com tanto espírito e tanta eficácia que obteve por fruto de seu primeiro sermão trezentas conversões grandes e ruidosas.

Não é ponderável o gosto com que o ouviam, nem o fervor e a eficácia com que pregava. Era voz comum que não havia obstinação tão empedernida que pudesse resistir à sua devoção no altar nem à sua eloquência no púlpito. Andava sem cessar de aldeia em aldeia e de choça em choça, instruindo a inumeráveis pobres rústicos e ignorantes que viviam no cristianismo quase sem

conhecê-lo; e suas primeiras excursões apostólicas ganharam tantas almas para Jesus Cristo que tanto o bispo de Genebra como o duque de Saboia o fizeram missionário do Chablais, não duvidando de que havia de ser seu apóstolo.

Logo que Francisco recebeu sua missão, marchou a buscar o inimigo e, sem acovardarem-no estorvos, trabalhos nem perigos, foi atacar a heresia até em suas próprias trincheiras. À vista das igrejas arruinadas, dos mosteiros assolados e das cruzes lançadas por terra, derreteu-se sua ternura e redobrou-se o alento de seu zelo. Cheio daquela santa intrepidez e daquela confiança que formam o caráter dos heróis cristãos, entrou por Thonon, desprezando generosamente as zombarias, as irrisões e os insultos dos protestantes. A paciência, a modéstia e a doçura foram as únicas armas de que se valeu para resistir aos escárnios e à malignidade daquele furioso povo. Com esta moderação e com os exemplos de sua vivíssima virtude foram-se domesticando aqueles ânimos ferozes e aqueles corações apóstatas. Fala, e convence, e move; ouvem-no, e se convertem. Põe-se em comoção todo o partido protestante, e resolvem os ministros desfazer-se dele. Avisado Francisco de seus intentos, nem por isso se acovardou; antes mostrou-se muito mais zeloso, e com sua só presença desarmou os assassinos que iam matá-lo. Fecharam-lhe as pousadas, e foi dormir no campo. Às violências sucederam as calúnias; divulgaram dele que era mago, feiticeiro e bruxo, adiantando que o haviam visto nas reuniões noturnas que se diz celebrarem estes no sábado, dançando ao redor do demônio; mas nosso santo desarmou todo o inferno com sua confiança em Deus e com sua paciência.

Tendo notícia o barão de Hermance das conspirações que se forjavam contra sua vida, quis dar-lhe uma escolta para sua defesa; mas Francisco não a admitiu, dizendo que havia entrado no Chablais como missionário e como tal havia de manter-se nele. Não poucas vezes se via no meio da cidade tão só como se estivesse no deserto, pelas rigorosas penas com que os protestantes haviam proibido acompanhá-lo, recolhê-lo ou escutá-lo; mas nem por isso deixava de vir todos os dias a Thonon desde Allinges. Nem as chuvas, nem as neves, nem as geadas, nem os ventos mais furiosos foram nunca bastantes para estorvá-lo de pôr-se a caminho. Algumas vezes o frio o penetrava de maneira que ficava quase imóvel e se via em perigo de morrer; mas nada disso era capaz de reprimir nem sequer de moderar seu zelo. Passa noites inteiras exposto à chuva e ao rigor de todas as intempéries. Atravessa, arrastando-se por um estreito madeiro todo coberto de gelo, para ir ensinar uns pobres camponeses recém-convertidos que estavam do outro lado de um riacho bastante profundo. Nenhum perigo o detém, nenhum risco o acovarda, todos os enfrenta pela salvação daquele obstinado povo. Desta maneira foram excessivos seus trabalhos; mas também foram imensas suas conquistas. Voltaram a entrar no seio da Igreja os bailios de Gex, de Ternier e de Gaillard; todo o Chablais se converteu, porque não havia resistência nem à força de seus discursos nem à virtude de seus exemplos. E, por um milagre evidente em que andava visível o dedo poderoso de Deus, aquele cordeiro rodeado de lobos, em manifesto perigo de ser despedaçado por eles, com sua prudência, sua mansidão e sua piedade converteu os próprios lobos em cordeiros.

Teve várias controvérsias; oito ou dez vezes ofereceu disputar ou conferenciar com os sacerdotes protestantes sobre os pontos contestados: mas estiveram tão longe de aceitar a conferência que buscaram novos assassinos para tirar-lhe a vida.

Estendeu-se por todas as cortes a fama dessas maravilhas. Escreveu-lhe o papa um breve em que, depois de congratular-se com ele pelos êxitos felizes que alcançava, lhe dava ordem de passar a Genebra para conferenciar com Teodoro de Beza. Recebeu-o aquele famoso apóstata com grande honra, ouviu-o com gosto; confessou-se convencido de suas razões, comoveu-se até derramar lágrimas; mas não se converteu, porque adiou demasiado o converter-se: e depois de haver feito a nosso santo as mais belas promessas, Beza morreu apóstata em Genebra.

Havia somente dois ou três anos que pregava no Chablais, e todo o Chablais estava convertido. Voltaram a levantar-se as cruzes em todo o país, reedificaram-se as igrejas, restabeleceu-se o culto divino, e tudo isso era fruto dos trabalhos apostólicos de nosso Francisco. Quando o santo entrou em Thonon não havia mais que sete católicos em toda a cidade, e já passavam de seis mil os recém-convertidos dentro dela. Nos bailios de Ternier, de Gaillard e de Gex contavam-se mais de sessenta e dois mil. Isto fez dizer ao célebre cardeal Du Perron que, se lhe pedissem somente convencer os huguenotes, ele se obrigava a fazê-lo; mas que, se se tratasse de convertê-los, era preciso enviar-lhes Francisco de Sales.

Certamente mal se pode compreender como um homem só e em tão pouco tempo pôde fazer tantas maravilhas sem render-se ao peso de tantos trabalhos. Pregava muitas vezes ao dia, dava instruções particulares, tinha conferências públicas, visitava os enfermos, buscava a gente mais pobre e mais desamparada em suas cabanas e em suas choças, ouvia confissões até muito entrada a noite, administrava os sacramentos aos moribundos, assistia aos enterros; em suma, a nenhum ofício perdoava seu cuidado, a tudo se estendia seu zelo; e media sua caridade pelas necessidades e não pela qualidade das pessoas, fazendo-se tudo para todos para ganhar a todos.

Tal era São Francisco de Sales quando o bispo de Genebra o desejou e o pediu para seu coadjutor. A única coisa que houve que vencer foi a resistência do santo; mas por fim o obrigaram a obedecer, e viu-se obrigado a ir a Roma. Recebeu-o o papa Clemente VIII como apóstolo do Chablais; admirou-o como a um dos prelados mais sábios de seu tempo e honrou-o como a um dos maiores santos que havia então na Igreja. Assistiu o mesmo pontífice a seu exame; e, tendo sido testemunha de seus extraordinários talentos, levantou-se de sua cadeira, abraçou-o ternamente e disse-lhe estas misteriosas palavras da sagrada Escritura: Bebe, filho meu, das águas de tua cisterna e da fonte de teu coração; e faze que a abundância de tuas águas se derrame por todas as praças públicas, para que todos possam beber e saciar sua sede. Declarou-o depois o papa bispo de Nicópolis, coadjutor e sucessor do bispo de Genebra.

Mal voltou Francisco a Saboia, os negócios da Religião obrigaram-no a passar a Paris. Ali foi recebido por Henrique IV e por toda a corte com aquele respeito e aquela veneração que segue a virtude e acompanha sempre a santidade. A estima e a confiança com que o rei o tratou e os públicos testemunhos que dela deu foram ocasião de que lhe levantassem uma calúnia. Pretenderam torná-lo suspeito ao rei; mas logo se justificou plenamente, e a malignidade dos invejosos serviu apenas para que crescesse o amor e o conceito que já tinha aquele monarca de São Francisco de Sales. Ofereceu-lhe o rei benefícios e pensões e chegou a brindá-lo com o bispado de Paris; mas tudo agradeceu cortesmente e tudo renunciou com nobre desinteresse. Esta generosa prenda, sua piedade, sua doçura e seus gratíssimos modos encantaram toda a corte. Pregou diante dela; mas com que felicidade, com que êxito! As maravilhosas conversões que

alcançou foram fruto dos assombrosos exemplos que deu em tudo. Obteve decreto do rei para que se restabelecesse a religião católica no bailio de Gex, cuja solicitação havia sido o principal motivo de sua viagem à corte.

Quando voltava à sua igreja, recebeu no caminho a notícia da morte de seu predecessor. Preparou-se para sua consagração com alguns dias de retiro e, naquela augusta cerimônia, recebeu com a plenitude do sacerdócio a plenitude do espírito de Deus.

O novo caráter acrescentou novo lustre a sua virtude. Quis visitar desde logo seu bispado e fez a pé toda a visita. Não houve choça, nem tão escondida nos vales, nem tão elevada nos penhascos, que se furtasse às fervorosas fadigas de seu zelo. Passou pelo meio da cidade de Genebra de rosto descoberto, sem esconder-se nem dissimular-se. Foi árbitro de todas as contendas. Com que prudência, com que felicidade manejou os importantíssimos negócios que lhe encomendaram os sumos pontífices! Como anjo de paz, ajustou as dissensões que havia entre o arquiduque e o clero do Franco-Condado; como legado da Santa Sé, reformou as abadias de Talloires, de Abondance, de Pierre-d'Orbe, de Santa Catarina e de Six; como bom pastor, apascentou suas ovelhas com o pão da divina palavra e expôs cem e cem vezes sua vida por sua salvação, merecendo mil bênçãos do céu para toda a sua diocese.

Crescia por instantes sua fama. Os príncipes competiam uns com os outros em dar-lhe os mais ilustres testemunhos de sua alta estima. Não quis admitir muitas ricas abadias com que o brindou Henrique IV e renunciou o chapéu de cardeal que lhe ofereceu Leão XI. Paulo V mandou-lhe que dissesse seu parecer sobre a famosa controvérsia *de Auxiliis*. De todas as partes o consultam como oráculo de seu século; e, o que pareceria incrível se a experiência não tivesse mostrado o contrário, esta multidão de ocupações tão graves, que as menores bastariam para render o zelo dos mais infatigáveis prelados, não o estorvaram de pregar muitas quaresmas em Annecy, em Grenoble, em Chambéry, nem de retirar-se todos os anos a exercícios no colégio da Companhia de Jesus.

Ao mesmo tempo em que o santo bispo comunicava a todas as partes os ardores de seu zelo, teve notícia de que o haviam acusado perante Sua Santidade de pouco vigilante em desterrar de seu bispado os livros heréticos ou de doutrina suspeita, supondo que eram buscados com solicitude e lidos com perniciosa curiosidade pelos católicos recém-convertidos. E aquele santo, todo mansidão, que até então não havia manejado mais armas que as de uma invicta paciência para rebater os golpes da calúnia, que certamente em nada o poupou, mostrou naquela ocasião, pela vivacidade vigorosa com que se justificou, o horror com que olhava tão perniciosa negligência.

Seu zelo pela salvação das almas era imenso; mas quis de certo modo torná-lo eterno, compondo aquele excelente livro da *Introdução à vida devota*, que sozinho, no sentir dos maiores homens, vale por quantos livros espirituais se escreveram, tendo merecido os mais significativos elogios das nações, dos monarcas e dos próprios vigários de Jesus Cristo.

Mal saiu à luz esta admirável obra, que levava a reforma geral dos costumes e a devoção a todos os estados, certo pregador violento, indiscreto e precipitado começou a declamar furiosamente contra ela, qualificando-a de relaxada, e chegando a tanto excesso sua paixão que a queimou publicamente no púlpito. Contaram ao santo este suceso; e todo o seu ressentimento reduziu-se a

dizer que desejava tão abrasado no fogo do amor de Deus o coração daquele padre como seu livro o havia sido nas chamas.

Mas nenhuma empresa foi mais digna daquela grande alma, nenhuma pôde ser mais útil a toda a Igreja que a fundação da ordem da Visitação, que se pode chamar uma das mais nobres porções do rebanho de Jesus Cristo e um dos mais belos ornamentos de sua Igreja.

No dia seis de junho do ano 1610, em que se celebrava a festa da santíssima Trindade, a célebre senhora de Chantal, filha do senhor Frémyot, presidente do parlamento de Dijon, juntamente com a senhorita Favre, filha do primeiro presidente de Saboia, e com a virtuosa senhora de Brechard do Nivernais, deram princípio, sob a direção de São Francisco de Sales, a este novo instituto, que parece encerrar em si o mais perfeito e o mais sobressalente que contêm todos os demais e floresce hoje na Igreja universal com tanta edificação como admiração dos fiéis. Depois que o santo fundador confessou e deu a comunhão àquelas suas novas filhas, deu-lhes também umas regras cheias de prudência, discrição e doçura, nas quais toda a perfeição cristã, como reduzida a arte, vem a ser o fruto de uma vida tranquila e suave. É esta santa ordem obra grande de nosso santo, que se acha hoje difundida com tanto esplendor por todo o mundo e que, depois de um século, conserva todo o fervor de seu primitivo espírito, contando mais de seis mil e seiscentas esposas de Jesus Cristo, que edificam a Igreja com seus exemplos e são digno objeto da admiração dos povos por suas religiosas virtudes.

Pouco tempo depois compôs aquele admirável livro do *Tratado do amor de Deus*, que o papa Alexandre VII chamava livro de ouro e do qual fizeram elevadíssimos elogios os mais ilustres prelados. Na *Introdução à vida devota* (diz o célebre bispo de Vence, o senhor Godeau), Francisco é um anjo que guia os pequeninos Tobias pelo caminho e pela peregrinação desta vida; no tratado do *Amor de Deus* é um abrasado serafim que comunica o fogo do amor celestial ao coração dos perfeitos. Este ensina a voar; aquele, a caminhar pelas sendas do Evangelho com modo simples, mas sólido e seguro: um dá o pão dos fortes às almas fortes; o outro nutre com suavíssimo leite os que não são capazes de alimento mais robusto.

Muitas outras obras devotas deu à luz São Francisco de Sales, cheias todas de igual solidez e daquela divina unção que só o Espírito Santo é capaz de derramar. Por isso o papa Alexandre VII, na bula de sua canonização, declara que os salutares escritos deste santo são tochas acesas que introduzem a luz e comunicam fogo a todos os membros do corpo místico da Igreja.

No ano de 1622 recebeu Francisco ordem de seu soberano, o duque de Saboia, para passar a Avinhão a unir-se com o príncipe e a princesa do Piemonte. De Avinhão passou a Lyon de França, onde então se achava o rei cristianíssimo Luís XIII com toda a corte, de quem recebeu singulares honras e especiais demonstrações de apreço e veneração. Por sua parte correspondeu também com novas provas de zelo e de respeito. Embora se achasse com a saúde bastante quebrantada, pregou na igreja do colégio da Companhia de Jesus e dedicou-se a todo gênero de boas obras, achando-o pronto quantos o buscavam para seu consolo e para seu alívio nas necessidades espirituais.

No dia de Natal deu o hábito da Visitação a duas donzelas, pregou sobre o mistério do dia e teve várias piedosíssimas conferências com a comunidade. Ao amanhecer do dia de São João sentiu que

a vista se lhe debilitava e as forças iam diminuindo, mas nem por isso deixou de celebrar aquele dia. Logo que deu graças, foi visitar o duque de Nemours para interceder por aqueles mesmos oficiais do ducado de Genebra que tanto lhe haviam dado em que merecer; e não se retirou até que lhes obteve o perdão. À noite caiu numa espécie de delíquio, que logo se declarou em apoplexia.

Mal se divulgou na cidade seu perigo, todos concorreram a visitá-lo. Os primeiros que chegaram foram os jesuítas do colégio de São José; e, logo que o santo os viu, disse-lhes com o maior agrado: Padres meus, já veem que no estado em que me acho só tenho necessidade da misericórdia de meu Deus. Implorai-a por mim e para mim, que eu tudo espero de sua bondade. Há muito tempo que tenho feito ao Senhor sacrifício de minha vida. Por fim, no dia 28 de dezembro do ano de 1622, festa dos santos Inocentes, este insigne prelado, reverenciado dos povos, honrado dos príncipes, amado dos vigários de Jesus Cristo e, o que é mais admirável, respeitado até dos próprios hereges, de quem era o maior açoite, rendeu a Deus seu espírito inocente e puro, com aquela mesma tranquilidade com que havia vivido. Morreu às oito da noite no quarto do hortelão da Visitação, aos cinquenta e seis anos de sua idade e aos vinte de seu episcopado.

Abriram o santo corpo para embalsamá-lo e, com esta ocasião, reconheceu-se que aquela grande doçura, que tanto admiraram todos, não era natural a seu gênio; pois se lhe encontrou o fel endurecido e petrificado, dividido em muitos e muito consistentes pedacinhos, pela contínua violência que se havia feito para reprimir a cólera a que naturalmente estava sujeito.

Logo que se espalhou a notícia de sua morte, foi extraordinária a comoção e o concurso de todo o povo. Conduziu-se o santo cadáver a Annecy com pompa digna do mérito do santo e correspondente à zelosa veneração com que todos o olhavam. Deu-se-lhe sepultura na igreja do primeiro convento da Visitação; e seu coração, que hoje se venera inteiro engastado entre dois corações de ouro, ficou em Lyon de França, no célebre convento da Visitação que está em Bellecour e foi fundação do mesmo santo e da ilustre madre de Chantal, no ano de 1615, pouco tempo depois que se fundou o de Annecy; dispondo a divina Providência que, depois de morto, seu coração ficasse com aquelas filhas a quem tinha tido mais dentro dele quando vivo.

Achando-se em Lyon o rei Luís XIII, no ano de 1630, e tendo caído enfermo, desejou Sua Majestade ver o coração de São Francisco de Sales, que lhe trouxe seu confessor. A cura pronta e milagrosa do rei contribuiu muito para que crescesse a devoção que já se tinha ao santo. Aquele grande e piedoso monarca mandou fazer, em testemunho de seu reconhecimento, uma urna de ouro onde se guardasse aquela preciosa relíquia. Alguns anos antes de sua canonização, tendo recebido por meio dela semelhante favor o duque de Mercoeur, sua mãe, a duquesa de Vendôme, mandou fabricar outra grande caixa de ouro onde estivesse fechado todo o relicário.

Martirológio Romano

Em Lyon de França, São Francisco de Sales, bispo de Genebra e confessor, de quem se faz memória no dia vinte e oito de dezembro.

Em Roma, na via Nomentana, os santos mártires Papias e Mauro, soldados, os quais, mal haviam confessado Jesus Cristo, no tempo do imperador Diocleciano, quando lhes quebraram as mandíbulas com seixos, por ordem de Laodício, prefeito da cidade: em tal estado mandou encerrá-los num calabouço, depois moê-los a pauladas e, por fim, destroçá-los com açoites de bolas de chumbo nas pontas, até que expirassem.

Em Perúsia, São Constâncio, bispo e mártir, o qual recebeu com seus companheiros a coroa do martírio em defesa da fé, sob o imperador Marco Aurélio.

Em Edessa, na Síria, São Sarbélio e Santa Barbeia, irmãos, os quais, tendo sido batizados pelo bem-aventurado bispo Barsimeu, obtiveram a palma do martírio durante a perseguição de Trajano, sob o presidente Lísias.

Na região de Troyes, São Sabiniano, mártir, decapitado pela fé de Jesus Cristo por ordem do imperador Aureliano.

Em Milão, São Aquilino, presbítero, a quem os arianos atravessaram a garganta de uma estocada, e assim recebeu a coroa do martírio.

Em Tréveris, o falecimento de São Valério, bispo, discípulo do apóstolo São Pedro.

Em Bourges, São Sulpício Severo, bispo, ilustre por suas virtudes e erudição.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui ad animarum salutem beatum Franciscum confessorem tuum atque pontificem, omnibus omnia factum esse voluisti: concede propitius; ut charitatis tuæ dulcedine perfusi, ejus dirigentibus monitis, ac suffragantibus meritis, æterna gaudia consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum…*

Português: Ó Deus, que quisestes que o bem-aventurado Francisco, vosso confessor e pontífice, se fizesse tudo para todos pela salvação das almas, concedei-nos benignamente que, cheios da doçura de vossa imensa caridade, pelos conselhos e pelos merecimentos deste grande santo, alcancemos a alegria eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo…

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”) e é a mesma do dia 28.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

« O capítulo 45 do livro intitulado Eclesiástico, de que já falamos, contém o elogio de Aarão e de seu sacerdócio prometido a seus filhos. Depois fala do castigo de Coré, Datã e Abirão, que, sem vocação legítima, quiseram intrometer-se nas funções do mesmo sacerdócio. Descreve a magnificência dos ornamentos sagrados, cujas riquezas, diz São Gregório, eram figura das virtudes que devem ser o principal ornamento dos sacerdotes. »

Reflexões

Em qualquer dignidade que se alcance, em qualquer estado em que se viva, em qualquer emprego que se ocupe, o homem só é verdadeiramente grande enquanto agrada a Deus. Sua aprovação é a medida justa de nossa grandeza; e ela faz, falando com propriedade, todo o nosso mérito. Seja alguém o primeiro, o maior homem do mundo aos olhos dos homens: de que lhe servirá toda essa fugaz e fantástica aparência de glória, se não o é aos de Deus?

Oh, e quanto serve ao Estado e à Igreja um prelado santo, sobretudo naqueles tempos em que Deus está justamente irritado contra nós! Por suas virtudes e por seu ministério é o árbitro, é o mediador que reconcilia Deus com os homens.

Fez-lhe o Senhor, diz o Sábio, famoso, célebre, estimado de todo o povo, porque só se aplicou, só trabalhou em fazer o povo sujeito e rendido à santa lei de Deus. Queremos trabalhar com fruto e com felicidade na vinha do Senhor? Queremos fazer maravilhas? Pois portemo-nos de maneira que se possa dizer de nós o que o Sábio dizia de Aarão: Não se achou outro como ele que observasse a lei do Altíssimo. Os grandes devem dar maior exemplo, porque quem se acha em maior elevação é visto de mais longe. Se os que estão destinados a zeladores da lei se dispensam de sua observância; se as obras desmentem as palavras, em vão se prega reforma, porque se crê mais nos olhos que nos ouvidos. *Cœpit Jesus facere et docere*: antes começou Cristo fazendo que ensinando.

A verdadeira grandeza, o mérito verdadeiro, não consiste em ocupar grandes postos, em possuir grandes títulos, em conseguir grande nome, em alcançar a graça do príncipe, mas em gozar a de Deus: *Invenit gratiam coram oculis Domini.*

Perde-se, arruína-se um pobre homem com gastos loucos e excessivos para conseguir estima; e só consegue que todos o desprezem. Mete-se em imensos trabalhos, e para quê? Para que zombem dele. Desenganemo-nos: só cumprindo sua obrigação e servindo a Deus de verdade se consegue a verdadeira glória; e glória que não depende nem da inconstância do tempo nem do capricho dos homens. Deus é, e só Deus é o que faz os homens gloriosos até com os próprios reis; toda glória que não deriva de Deus sua estima e seu lustre é glória falsa, é glória aparente. Só Deus reparte as coroas de glória; mas as reparte unicamente entre aqueles fiéis servos seus que desempenharam dignamente as obrigações de seu estado e ministério. *Beatificavit illum in gloria, dedit illi coronam gloriæ.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus e é o mesmo do dia 28.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem

> cum eis. [20] Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Da doçura cristã

Primeiro ponto

Considera que não há virtude mais necessária a um cristão que a doçura; porque ou encerra em si, ou ao menos supõe, todas as demais virtudes.

A humildade de coração, que é como a base de nossa perfeição, é inseparável desta doce tranquilidade da alma: esta calma serve de abrigo à pureza. A doçura é sempre fruto de uma constante mortificação, assim como a paciência o é de uma doçura inalterável. No que toca à liberalidade, pode-se dizer que é em parte o caráter desta amabilíssima virtude; não há outra mais benéfica. E em ponto de caridade, pode havê-la sem doçura?

Mas que virtude há mais amável? Não há paixão que não domine; não há natural tão áspero, tão desabrido, tão feroz que não o domestique; não há gênio tão azedo que não o adoce; não há coração tão duro que não o abrande, tão rebelde que não o renda; tudo avassala, tudo conquista; tudo cede à doçura. Grande erro é imaginar que a severidade seja sempre o melhor remédio. Mais chagas curou o azeite que o fogo. De onde nasce que se vejam tão poucos meninos bem disciplinados? De onde nasce que se multipliquem os vícios, as desordens nas comunidades e nas famílias? Não de outro princípio senão de que ou se descuida da correção ou, se se repreende, é sempre com desabrimento, com paixão e com rancor.

É a doçura cristã filha legítima da caridade. O zelo áspero e amargo sempre é zelo falso. Não era espírito de Cristo o que desejava que descesse fogo do céu para exterminar os corações rebeldes. O caritativo samaritano curava seu pobre enfermo com óleo e vinho. Ó meu Deus, e que erro é pensar que a paixão possa ser zelo verdadeiro! A malignidade do coração, o mau humor, a inveja, a emulação, o gênio e não poucas vezes o maldito interesse são os que acendem o fogo que não purifica, mas queima. Quanto é de temer que o zelo ardente, sem compaixão e sem doçura, seja uma pura paixão mal mascarada! Jesus Cristo tinha zelo; e não tinha doçura Jesus Cristo? Oh, que erro não ter sempre à vista este divino modelo! Irmãos meus, dizia o apóstolo, se algum de vós se deixa enganar e cai em pecado, vós, que sois homens espirituais, dai-lhe bons conselhos, mas seja com espírito de doçura: *In spiritu lenitatis.*

Que quietude, que paz nas famílias! Que doçura no comércio da vida civil! Que copioso fruto nos trabalhos apostólicos se reinasse em todos esta importante virtude! De onde nascem as queixas, as dissensões, as inimizades? De onde nascem aquelas tempestades que tantas vezes se resolvem em pedra e granizo? De onde provêm tantos rancores, tantos pesares, senão do vício oposto à doçura?

Ah, Senhor! E quantas vezes passou por mim esta tristíssima experiência! Será possível que eu não haja de amar daqui em diante uma virtude tão necessária e tão vantajosa? Será possível que, depois de umas reflexões tão concludentes, eu não haja de trabalhar eficazmente, com o socorro de vossa divina graça, em adquirir uma virtude tão amável?

Segundo ponto

Considera que a doçura se pode chamar a virtude predileta, a virtude favorecida de Jesus Cristo. Não se contentou com ensinar-nos esta amável virtude, mas ele mesmo se nos propôs como exemplar dela:[^1] *Discite a me*: Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração. Este é o exemplo que vos proponho. À vista disto, que há que admirar que a doçura fosse uma virtude tão familiar a todos os discípulos de Cristo? Poder-se-á deixar de aprender esta importante lição em tão celestial escola? São inseparáveis a doçura e a humildade, fazendo uma e outra como o caráter da verdadeira devoção.

Procura um santo que não tenha tido este espírito de doçura. Sempre que se vai ver algum sujeito que está em reputação de eminente santidade, vai-se com a ideia de encontrar um homem doce, suave e aprazível.[^2]

A Escritura diz[^3] que Moisés era o homem mais doce de todos os mortais; Davi parece que só colocava sua confiança em sua doçura. Bem-aventurados os mansos, diz o Salvador do mundo. Todo o evangelho de hoje está respirando um caráter de doçura que embevece. Quando há de chegar o caso de que esta amabilíssima virtude, que tanto celebramos e que tanto nos agrada nos demais, tenha eficaz atrativo para trasladá-la a nós?

A doçura foi o caráter e o distintivo de São Francisco de Sales: *In fide et lenitate sanctum fecit illum.*[^4] Como estava singularmente animado do verdadeiro espírito de Jesus Cristo, não deve causar admiração que se sobressaísse tanto nesta virtude. E sobressaindo tanto nela, deve estranhar-se muito menos que tivesse reduzido tantos hereges, que tivesse convertido tantos pecadores e que tivesse feito tantas maravilhas. A doçura em São Francisco de Sales não foi virtude de temperamento, mas de religião. Necessitou vencer-se, reprimir-se, mortificar-se muito tempo para consegui-la. Necessitou domar seu natural ardente e alcançar tantas vitórias quantos combates lhe apresentou. Mas, ó bom Deus, e quão delicioso é o fruto desses sacrifícios! Que coisa tão doce adquirir uma virtude que traz consigo tantas outras!

Pelo progresso que se faz na doçura cristã reconhece-se o que se faz na virtude. Uns modos cheios de altivez e de desprezo, uns ímpetos de um gênio inquieto e enfadonho, uns fogos de arrebatamento e de cólera são sempre efeito de uma consciência pouco tranquila e frequentíssimas vezes de um coração atestado de pecados.

Pois vós quereis, dulcíssimo Jesus meu, que eu aprenda de vós a doçura e a humildade, dai-me vós mesmo esta docilidade tão necessária. Tempo era já de que eu a tivesse aprendido desde que vós me ensinastes tão importante lição. Mas, enfim, isto está feito; de hoje em diante estou resolvido a declarar-me discípulo vosso, e quero que singularmente se conheça em que escola estudo por minha humildade e minha doçura.

[^1]: Mt 11,29. [^2]: Nm 12. [^3]: Sl 131. [^4]: Eclo 45,4: “Na fé e na mansidão o fez santo.”

Jaculatórias

> *Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram.* Mt 5.

Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra dos eleitos.

> *Beati pacifici, quoniam filii Dei vocabuntur.* Mt 5.

Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus.

Propósitos

1. Estando bem convencido do mérito e das utilidades da doçura cristã, faze séria reflexão sobre ti mesmo, sobre teu gênio, sobre tuas vivacidades, sobre teus ímpetos, sobre tua conduta; e examina se esta amável virtude é teu caráter ou se, pelo contrário, só a conheces de nome. Traze à memória aqueles impetuosos movimentos de um natural vivo e ardente, aquela enfadonha taciturnidade, filha de um humor sombrio e extravagante; aquelas respostas secas e desabridas, aqueles modos duros, agrestes e desprezíveis, aquelas altivezes insuportáveis, aquelas palavras avinagradas e cheias de fel, aquele semblante escuro, carrancudo e negativo, aquele tom de voz cheio de fereza e de severidade; enfim, aqueles torrentes de injúrias, aqueles fogos, aquelas cóleras, aqueles arrebatamentos que muitas vezes tocam a raia do furor. Examina sem misericórdia e com sinceridade se estás sujeito a algum desses defeitos tão contrários à mansidão cristã. Não te contentes com convir no fato; passa a notar e até escrever tudo quanto de repreensível achares em ti sobre este artigo; e, depois de te haveres acusado amargamente de tudo aos pés de teu crucifixo, depois de o haveres detestado tudo com dor viva, eficaz e perseverante, impõe-te alguma penitência por cada vez que caíres: como dar uma esmola considerável naquele dia, fazer alguma mortificação, tal que a possas fazer imediatamente depois de haver cometido a falta; e dá conta de tudo a teu confessor logo que possas.

2. Além desta prática, que é admirável, impõe-te desde este ponto as leis seguintes. Primeira: Tenhas o motivo que tiveres para enfadar-te ou para repreender, nunca o faças com termos injuriosos nem desprezíveis. Pode-se falar algumas vezes com secura e com firmeza; mas nunca com cólera. A correção mais necessária, a de maior importância, é inútil e até perniciosa quando nela se descobre paixão ou ira. Os que mais resmungam não são por isso os mais bem servidos. Aquelas gritadeiras eternas, aqueles amos, aqueles superiores que não sabem mandar senão aos gritos e em tom descompassado, nem são amados nem são temidos. Se queres ser obedecido, nunca mandes com altivez nem com fereza. Não temas perder tua autoridade por falar com doçura, em tom moderado, com modo afável. Aos brutos se domam com o medo; mas aos homens, até aos menos dóceis, até aos mais bárbaros, ganham-se por razão, por religião e por amor. Propõe firmemente desde este mesmo instante conservar sempre um ar sereno, um semblante risonho, uns modos gratos, urbanos, aprazíveis com todo o gênero humano. Nunca fales com enfado, nem em tom áspero, altivo ou impaciente. O costume, o gênio e tua pouca virtude te representarão desde logo como impraticáveis estes conselhos; tuas contínuas recaídas te persuadirão de que é impossível esta reforma; mas não há que desanimar. Apesar desses ímpetos indeliberados, que se antecipam à vontade e à razão; apesar desses tons de voz demasiadamente vivos, desses primeiros movimentos que escapam à maior advertência; apesar dessas reincidências na cólera, que antes se manifestou do que se preveniu; persevera sempre em teu propósito de corrigir os modos, de observar perpetuamente os mais gratos, os mais aprazíveis, quer seja com os filhos, a quem a aspereza poucas vezes aproveita, quer seja com os criados ou com os súditos, a quem a impaciência sempre irrita, quer seja com os estranhos, que só se ganham com bom modo. De hoje em diante hás de renovar este propósito todas as manhãs, ou quando ofereceres as obras, ou ao fim da oração; e quando à noite fizeres o exame de consciência, nota bem as faltas que tiveres cometido neste particular. Com o socorro da divina graça não há gênio, não há natural, não há costume que possa resistir à vigorosa resolução de uma boa

vontade. São Francisco de Sales logrou fazer-se um dos homens mais doces que se haviam conhecido no mundo, apesar de que por sua natureza era colérico, como já se disse. Segunda: Observa com particular atenção certas pessoas de virtude sobressalente; e repara bem que por sua doçura inalterável tornaram muito amável a virtude. Estuda seus modos e adverte aquela serenidade constante, aquela afabilidade universal, aquela moderação, aquela tranquilidade, aquele tom de voz sempre igual, sempre aprazível. Encanta-te, enfeitiça-te vê-los; pois quem te impede de imitá-los? O orgulho desterra a doçura. Sê humilde, sê mortificado; porque nunca se falta à doçura senão porque se esquece a mortificação: resolve trasladar a ti o que te agrada nos outros. Com este importante estudo se adoça o gênio mais azedo e se suaviza o natural mais desabrido. Tem presente que nem houve nem haverá jamais virtude verdadeiramente cristã sem doçura.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:20 by Admin